

Modo de calcular déficit será revisto

WASHINGTON — O governo brasileiro e o Fundo Monetário Internacional reabriram a discussão sobre a metodologia empregada no cálculo do déficit público. Mas ninguém deve perder o sono por causa disso.

O secretário de Planejamento, Pedro Parente, assegurou ontem que a discrepância dos números relativos ao primeiro bimestre, verificada nos dois métodos usados pelo governo, não significa que o Brasil deixará de cumprir as metas de redução do déficit que acertou com o FMI. Nem que esteja para pedir uma mudança de critério ou tentado a fazer uma conta de chegar.

Por insistência brasileira, o acordo com o FMI estabeleceu que o acompanhamento trimestral do

déficit seria feito a partir das obrigações financeiras assumidas pela União, Estados, municípios e empresas estatais para financiar o buraco nas contas públicas. Em burocratês econômico, esse é o cálculo "abaixo da linha". É uma forma mais rápida de se aferir o déficit e já vinha sendo usada por Brasília no acompanhamento das contas dos Estados e municípios. Teoricamente, o resultado deve ser o mesmo do cálculo mais tradicional, "acima da linha", que computa a diferença entre receita e despesa. "Fizemos as contas de 1991 e do primeiro bimestre de 1992 pelos dois métodos e deu uma diferença considerável", disse Parente. "O principal problema é com as contas do governo federal." (P.S.)